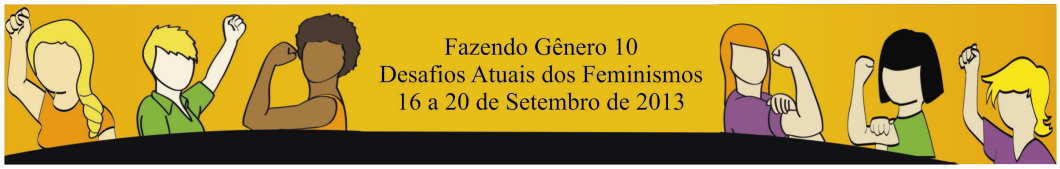

LUGAR DE MULHER É NA REDAÇÃO
O JORNALISMO PERFORMÁTICO E O DESTAQUE ALCANÇADO POR REPÓRTERES MULHERES

Natália Costa1

Resumo: O final do século XIX foi um período de intensas mudanças, principalmente nos países ocidentais mais desenvolvidos. Em um contexto de avanço da industrialização e progresso científico, mulheres passam a ser mais presentes no mercado de trabalho. Com base em uma revisão bibliográfica que trata do tema e adotando as abordagens metodológicas da Nova História, este trabalho busca retratar a entrada das mulheres no mercado de trabalho no final do século XIX, com foco nas redações de jornais estadunidenses. Embora a percentagem de mulheres jornalistas tenha mais do que dobrado entre 1880 e 1900 nos Estados Unidos, elas só conseguiram ocupar páginas de destaque através do "jornalismo performático" (*stunt reporting*). Uma das jornalistas mais célebres a utilizar essa técnica foi Nellie Bly, repórter do *New York World*, de Joseph Pulizer, entre 1887 e 1896, com um hiato entre 1890 e 1893. Este trabalho faz parte de uma dissertação de mestrado sobre Nellie Bly.
Palavras-chave: História do jornalismo. *The New York World*. Nellie Bly.

A adoção de novos pontos de vista para analisar o passado se tornou frequente com a "nova história". Para conceituar esse movimento, Peter Burke faz uma comparação com o seu oposto. "A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o 'paradigma' tradicional, aquele termo útil, embora impreciso, posto em circulação pelo historiador de ciência americano Thomas Kuhn" (Burke, 1992, p. 10).

Burke resume a nova história em seis pontos: o foco deixa de ser a política e toda atividade humana se torna objeto de estudo; em vez da narrativa dos acontecimentos, passa-se a fazer análises das estruturas, observando mudanças econômicas e sociais de longo prazo; no lugar dos "grandes feitos dos grandes homens", as pessoas comuns passam a ser levadas em consideração; os pesquisadores deixam de se basear apenas em documentos oficiais para buscar outras fontes, como jornais, cartas e diários; os diversos lados de uma questão (movimentos coletivos, relações individuais, tendências e acontecimentos) passam a ser considerados; e, por último, o antigo ideal da objetividade "é, em geral, considerado irrealista" (Burke, 1992, p. 10-15).

Essa corrente histórica possibilitou, então, novas abordagens acerca de eventos passados; uma delas diz respeito à participação da mulher. "A descolonização e o feminismo, por exemplo, são dois movimentos que obviamente tiveram grande impacto sobre a escrita histórica recente"

[1] Mestranda em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Posjor) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil.

(Idem, p. 20). Também se opondo à perspectiva tradicional de que apenas grandes feitos merecem entrar para a história, Laurel Thatcher Ulrich acredita que essa ideia é muito limitante.

> Se as mulheres ocupam o centro fixo da vida e se a história é vista como uma progressão linear de eventos públicos, um panorama cambiante de guerras e reinos, então somente aqueles que, mediante um comportamento chocante, intervenção divina ou mera habilidade, entram para a corrente de consequência pública, têm uma história. O problema com esse argumento é que ele não limita apenas as mulheres. Ele também limita a história[2] (ULRICH, 2007, p. xxi, xxii).

Repensar o passado, entretanto, não é uma tarefa fácil. Questionar o que era tido como certo e inabalável provoca desconforto.

> [...] a história das mulheres traz à luz as questões de domínio e de objetividade sobre as quais as normas disciplinares são edificadas. A solicitação supostamente modesta de que a história seja suplementada com informação sobre as mulheres sugere, não apenas que a história como está é incompleta, mas também que o domínio que os historiadores têm do passado é necessariamente parcial (SCOTT, 1992, p. 79).

Além de incomodar, torna-se, por sua vez, alvo de incômodo. Uma das críticas, a ideia de que a história das mulheres seria ideológica, é rebatida pela professora de Princeton (EUA) Joan Scott. "O rótulo 'ideológico' proporciona às opiniões dissidentes uma ideia de inaceitabilidade e dá às opiniões predominantes uma condição de lei indiscutível ou 'verdade'" (Ibidem).

A historiadora francesa Michelle Perrot relembra dois estereótipos muito comuns atribuídos às mulheres: a concepção de que elas são "origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida" e o exato contrário, a imagem da mulher como "potência civilizadora" (Perrot, 1988, p. 168).

> A pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papeis, e mesmo a coerência de sua "cultura" e a existência dos seus poderes (Idem, p. 169, 170).

Ao mesmo tempo em que comemora essa "fase de reavaliação eufórica da história das mulheres", citando alguns pesquisadores que contribuíram para essa reconsideração do passado, Perrot pondera que "a análise do poder das mulheres também é um jogo de poder" (Idem, p. 172).

Assim, com a consciência das limitações e dos impasses que condicionam uma pesquisa com perspectiva histórica, este trabalho conterá uma apresentação sobre o trabalho das mulheres no final do século XIX no ocidente, com foco nas redações de jornais estadunidenses.

---

[2] Texto original: "*If women occupy the fixed center of life, and if history is seen as a linear progression of public events, a changing panorama of wars and kingdoms, then only those who through outrageous behavior, divine intervention, or sheer genius step into the stream of public consequence have a history. The problem with this argument is not only that it limits women. It also limits history*" (ULRICH, 2007, p. xxi, xxii).

Um novo status para as mulheres no final do século XIX

As últimas décadas do século XIX apresentaram muitas transformações, entre as quais estão os consideráveis avanços para as mulheres, principalmente nos países ocidentais mais desenvolvidos, como Estados Unidos e Inglaterra. Depois da Guerra Civil, as mudanças – para melhor – no *status* da mulher estadunidense eram inegáveis. "Os tribunais abriam exceções, de forma crescente, à doutrina do direito comum da mulher como uma criatura a ser mantida na palma da mão do homem e concediam a ela direitos iguais perante os magistrados"[3] (Juergens, 1966, p. 134).

Aquela que é considerada como a "Primeira Onda" do feminismo data do final do século XIX. "O feminismo de primeira onda surgiu no contexto da sociedade industrial e da política liberal, mas está ligado tanto ao movimento liberal pelo direito das mulheres quanto ao incipiente feminismo socialista do final do século XIX e início do século XX nos Estados Unidos e na Europa"[4] (Krolokke; Sorensen, 2006, p. 1). O marco desse movimento teria sido a "Convenção de *Seneca Falls*", que reuniu 300 homens e mulheres em 1848 e da qual resultou a "Declaração de *Seneca Falls*". Esboçada por Elizabeth Cady Stanton (1815-1902), a Declaração deu origem ao movimento sufragista nos Estados Unidos (Idem, p. 3).

Nos países onde o sufrágio universal já havia sido implantado no final do século XIX, a mulher continuava excluída do processo, o que "acentuou a tendência de separação entre os sexos" (Perrot, 1988, p. 209, 210). O país pioneiro foi a Nova Zelândia, onde as mulheres obtiveram o direito ao voto em 1893; a Austrália deu o mesmo passo em 1908 (Beauvoir, 1949, p. 207). Na Inglaterra, o movimento sufragista surgiu por volta do fim do século, mas a meta dessa batalha só foi alcançada em 1928.

Nos Estados Unidos, embora o sufrágio feminino tenha sido aprovado apenas em 1920 em todo o país, alguns Estados instituíram essa prática ainda no final do século XIX, com o pioneirismo do Wyoming. "Em 1869, ela [Susan B. Anthony] fundou a Associação nacional para o sufrágio feminino e nesse mesmo ano o Estado do Wyoming concede o direito das mulheres ao

[3] Texto original: "*The courts increasingly took exception to the common law doctrine of woman as a creature to be held in the palm of man's hand, and of woman as a creature to be held in the palm of man's hand, and accorded her equal rights before the bench*" (Juergens, 1966, p. 134).

[4] Texto original: "*First-wave feminism arose in the context of industrial society and liberal politics but is connected to both the liberal women's rights movement and early socialist feminism in the late 19th and early 20th century in the United States and Europe*" (Krolokke; Sorensen, 2006, p. 1).

voto. Mas foi somente em 1893 que o Colorado, depois em 1896, Idaho e Utah seguiram esse exemplo"[5] (Beauvoir, 1949, p. 210).

Em seu "A era dos impérios", que aborda o período de 1875 a 1914, o historiador Eric Hobsbawm dedica um capítulo à "Nova Mulher". Em termos mais gerais, ele aborda as mudanças que, embora fossem lentas, definiram um novo *status* das mulheres. Hobsbawm destaca três razões que explicariam o surgimento da "nova mulher" no final do século XIX: a expansão da educação secundária para meninas, maior liberdade de movimentos e a atenção pública concedida às mulheres (Hobsbawm, 2001, p. 286-291).

Mulheres, ao trabalho

As mudanças no status das mulheres no decorrer do século XIX estão relacionadas, também, à sua maior participação no mercado de trabalho. "A partir do século XIX, o processo de industrialização favoreceu a extensão do trabalho feminino assalariado. Para um número crescente de mulheres, trabalhar torna-se um sinônimo de ganhar um salário seja como operária, seja como doméstica" (Lipovetsky, 2000, p. 205).

Ao reconhecer a importância da entrada das mulheres no mercado de trabalho, Simone de Beauvoir faz uma ressalva a respeito das condições em que essa abertura se deu. "[...] foi pelo trabalho que a mulher conquistou sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista particularmente dura e lenta"[6] (Beauvoir, 1949, p. 193). Hobsbawm também pondera: "Havia, realmente, um número grande e crescente de mulheres trabalhadoras cujos padrões de vida haviam sido ou estavam sendo transformados – não necessariamente para melhor – pela revolução econômica" (Hobsbawm, 2001, p. 277).

A historiadora Joan Scott problematiza um pouco mais a questão ao enfatizar a proeminência que a mulher trabalhadora ganhou no século XIX. Para ela, era menos o aumento do seu número ou a mudança de local, qualidade ou quantidade do trabalho feminino e mais a "preocupação dos seus contemporâneos com o gênero[7] como uma divisão do trabalho" que

[5] Texto original: "*En 1869, elle [Susan B. Anthony] fonde l'Association nationale pour le sufffrage des femmes et cette même année l'État du Wyoming accorde le droit de vote aux femmes. Mais c'est seulement en 1893 que le Colorado, puis en 1896 l'Idaho et l'Utah suivent cet exemple. Ensuite les progrès sont très lents*" (Beauvoir, 1949, p. 210).

[6] Texto original: "[...] *c'est par le travail que la femme a conquis sa dignité d'être humain; mais ce fut une conquête singulièrement dure et lente*" (Beauvoir, 1949, p. 193).

[7] "Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo de definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 1995, p. 86).

provocou maior atenção às mulheres naquele momento (Scott, 1991, p. 474). Para a historiadora o "problema" da mulher trabalhadora no século XIX é resultado de "processos discursivos pelos quais se constituíram as divisões sexuais do trabalho" (Idem, p. 454). Esses discursos tinham origem na economia política, nos empregadores, nos sindicatos e na legislação.

De toda forma, a análise de Scott a respeito da proeminência que a mulher ganhou no século XIX não exclui o fato de que houve realmente um aumento considerável da participação feminina no mercado de trabalho no final do século, nos países mais desenvolvidos. Nos Estados Unidos, por exemplo, a proporção de mulheres na indústria aumentou de um oitavo para um quinto, entre 1870 e 1900, acompanhando um crescimento geral de trabalhadores assalariados no país, que passou de 12 para 29 milhões nesse período (Nevins; Commager, 1986, p. 293).

Um dos pontos cruciais para que o número de mulheres trabalhadoras tenha aumentado no final do século XIX foi a queda no índice de natalidade. "Um dos problemas essenciais que se colocam à mulher é [...] a conciliação de seu papel reprodutor e de seu trabalho produtor"[8] (Beauvoir, 1949, p. 197). Essa diminuição no número de filhos por família, cujas razões Hobsbawm considera um "enigma", também é mencionada pelo historiador como um fator determinante para a maior presença de mulheres no mercado de trabalho.

> No Ocidente, o declínio das taxas de natalidade e o de mortalidade eram melhor coordenados. Ambos, evidentemente afetavam a vida e os sentimentos das mulheres.
> [...] O aumento do controle da natalidade indica, portanto, certa penetração de novas estruturas, valores e expectativas na esfera das mulheres trabalhadoras ocidentais (HOBSBAWM, 2001, p. 273, 275).

Nesse contexto, então, apesar de todos os problemas que as mulheres enfrentavam ao serem incluídas no mercado de trabalho, elas eram cada vez mais numerosas. "A despeito de todas essas dificuldades, a evolução do trabalho feminino continuou"[9] (Beauvoir, 1949, p. 197). Nos Estados Unidos e na Inglaterra, uma área em que elas passaram a ocupar mais espaço era o jornalismo.

Lugar de mulher é na redação

Pode-se afirmar que a participação das mulheres na produção jornalística dos Estados Unidos ocorreu desde o início da atividade. "Sabemos, por exemplo, que a primeira prensa nas colônias americanas (estabelecida [...] em 1638) pertencia a uma mulher e que pelo menos 17

[8] Texto original: "*Un des problèmes essentiels qui se posent à propos de la femme, c'est [...] la conciliation de son rôle reproducteur et de son travail producteur* " (Beauvoir, 1949, p. 197).

[9] Texto original: "*En dépit de toutes ces difficultés, l'évolution du travail féminin s'est poursuivie*" (Beauvoir, 1949, p. 197).

mulheres trabalhavam como tipógrafas na América colonial antes da ratificação da Constituição, em 1788"[10] (*apud* Whitt, 2008, p. 4).

No século XIX, há registros de uma revista voltada às mulheres que data de 1830, a *Godey's Lady's Book*, da cidade estadunidense de Filadélfia (Pensilvânia). O dono era um homem, Louis A. Godey, mas Sara Josepha Hale foi coeditora do periódico entre 1836 e 1877.

> Essa, que é a mais importante das primeiras revistas para mulheres, é mais lembrada por suas charmosas gravuras pintadas a mão de roupas da moda daqueles tempos. Mas a *Godey's* continha estórias sentimentais e poemas escritos por quase todos os autores americanos mais famosos da época, e estabeleceu um novo recorde para a circulação de revistas para mulheres com 150.000 [exemplares] no final dos anos 1850[11] (MOTT, 1959, p. 320).

No período da *penny press*, alguns jornais voltados às mulheres surgiram em Nova Iorque, como o *Woman* (1834) e o *Ladies Morning Star* (1836). O segundo não demorou muito para mudar o nome apenas para *Morning Star*, uma vez que a circulação ficou estagnada em dois mil exemplares diários (Steffens, 2007, p. 190).

Cornelia Walter foi a primeira mulher a editar um jornal diário importante, o *Boston Transcript* (de Boston, Massachussetts), entre 1842 e 1847 (Mott, 1959, p. 312). Em meados do século XIX, algumas mulheres começaram a seguir a carreira de jornalista. Uma das pioneiras na área nos Estados Unidos é Margaret Fuller, que trabalhou para o *New York Herald Tribune*, de Horace Greeley, entre 1844 e 1847.

No entanto, para a pesquisadora e professora da *New York University* Brooke Kroeger, Fuller e suas – não muitas – colegas contemporâneas não chegaram a estabelecer um lugar cativo para as mulheres nas redações.

> Na metade do século XIX, houve algumas [mulheres] proeminentes em áreas mais intelectuais, como a ensaísta Margaret Fuller e a repórter política Jane Grey Swisshelm. Outras pioneiras como a colunista Fanny Fern ou Jane Cunningham Croly, conhecida como a autora de moda e culinária Jennie June, começaram a escrever nos anos 1850, quando as mulheres foram identificadas pela primeira vez como público leitor de jornal. Mas nenhuma dessas precursoras tinha logrado criar, entre os editores, uma mentalidade que fizesse das mulheres que as sucederam mercadorias procuradas[12] (KROEGER, 1994, p. 127).

---

[10] Texto original: "*We know, for example, that the first press in American colonies (established [...] in 1638) was owned by a woman, and that at least seventeen women worked as printers in colonial America before the ratification of the Constitution in 1788*" (*apud* Whitt, 2008, p. 4).

[11] Texto original: "*This most important of the early women's magazines is best remembered for its charming hand-colored engravings of fashionable costumes of the times [...]. But Godey's contained sentimental stories and poems by nearly all the most famous American authors of its time, and it set a new record for the circulation of women's magazines with 150,000 in the late fifties*" (MOTT, 1959, p. 320).

[12] Texto original: "*In the mid-nineteenth century, there were standouts in daily journalism's more cerebral areas, such as the essayist Margaret Fuller and the political reporter Jane Grey Swisshelm. Other pioneers such as the columnist Fanny Fern or Jane Cunningham Croly, known in print as the fashion and food scribe Jennie June, started writing in the 1850s, when women were first identified as a newspaper-reading public. But none of these forerunners had*

Durante a Guerra Civil dos Estados Unidos, no entanto, as mulheres não parecem figurar entre os correspondentes. No capítulo XX – Reportando a Guerra entre os Estados (*Reporting the War Between the States*), Frank Luther Mott dedica quase cinco páginas ao item "Correspondentes de Guerra" (*The War Correspondents*) e, entre os diversos nomes de repórteres citados, nenhum é de mulher (Mott, 1959, p. 332-336). Em outras obras consultadas para esta pesquisa tampouco foram encontradas referências a jornalistas do sexo feminino que tenham participado dessa cobertura.

No final da seção dedicada ao período de 1860 a 1872, Mott argumenta que a profissionalização do jornalismo foi reforçada logo após a Guerra Civil. As mulheres são, então, mencionadas mais uma vez: seu trabalho como repórter teria ganhado importância nesse pós-guerra. A primeira mulher a trabalhar com reportagem geral (*general reporting*) teria sido Emily Verdery Bettey, contratada pelo *New York Sun* em 1868. Além de Bettey, Mott cita também Gail Hamilton, que trabalhou para o *New York Tribune*, e Grace Greenwood, que escreveu para o *New York Times*; ambas eram correspondentes em Washington. Porém, o pesquisador não especifica os períodos em que elas trabalharam para esses jornais (Mott, 1959, p. 406).

Assim, nos Estados Unidos, "a reportagem estava se tornando um tipo de ocupação mais estável [...] que atraía homens jovens e, cada vez mais, mulheres jovens, para o universo do jornalismo" (Schudson, 2010, p. 86). Nos anos 1880, de um total de 12.308 jornalistas, 288 eram do sexo feminino (*apud* Whitt, 2008, p. 5). Além disso, a percentagem de mulheres jornalistas mais que dobrou entre 1880 e 1900, segundo informações do Censo daquele país (Lutes, 2006, p. 9).

A professora da *New York University* Brooke Kroeger cita alguns exemplos. "Nos anos 1880, um punhado de mulheres colunistas, como Bessie Bramble em Pittsburgh, conseguiu garantir um lugar de respeito para si; e havia anomalias como Middy Morgan, do *New York Times*, que liderava entre seus competidores, todos homens, na cobertura sobre pecuária"[13] (Kroeger, 1994, p. 127).

De acordo com a revista *The Journalist*, 500 mulheres trabalhavam com regularidade na parte editorial dos jornais estadunidenses em 1886; e, em 1888, elas eram 200 só nos jornais de Nova Iorque. "Clubes locais de mulheres da imprensa eram organizados e, em 1885, uma

---

succeeded in creating a mind-set among editors that made the women who followed them as sought-after commodity" (KROEGER, 1994, p. 127).

[13] Texto original: "*By the 1880s, a handful of women columnists, such as Bessie Bramble in Pittsburgh, had managed to eke out a respected place for themselves, and there were aberrations such as Middy Morgan of The New York Times, who led her all-male competitors in livestock coverage*" (KROEGER, 1959, p. 127).

Associação Internacional das Mulheres da Imprensa, com a senhora E. I. Nicholson, do *New Orleans Picayune*, como presidente, foi inaugurada"[14] (Mott, 1959, p. 490).

Mas a grande novidade para as jornalistas desse período em relação a décadas anteriores foi a demarcação de espaço que elas alcançaram. Para Brooke Kroeger e Jean Marie Lutes, foi o jornalismo performático[15] que possibilitou às mulheres a conquista de um lugar cativo nas redações dos Estados Unidos. "[...] o advento das *stunt girls* e as amplas seções dedicadas às mulheres criaram o primeiro lugar real para as mulheres como membros regulares das equipes dos jornais e como parte importante do *mix* editorial"[16] (Kroeger, 1994, p. 127).

Para Kroeger, essa técnica jornalística possibilitou que as mulheres passassem do segundo plano para o centro do palco.

> O trabalho geralmente era forte o suficiente [...] para ir da seção de *feature* para as capas, oferecendo às mulheres sua primeira oportunidade coletiva de mostrar aos editores que elas podiam atuar com a mesma inteligência, dedicação e naturalidade altruísta dos homens mais capazes. As *stunt girls* [...] formaram uma rampa humana na qual a geração seguinte de mulheres repórteres se lançou para o jornalismo *mainstream*. Ainda haveria pontos controversos e discriminação por muitos anos, mas pelo menos o caminho havia sido aberto[17] (Ibidem).

Em seu estudo sobre o papel das repórteres do sexo feminino (*newswomen*) nos Estados Unidos no período que vai de 1880 a 1930, a pesquisadora Jean Marie Lutes reforça essa ideia ao afirmar que as reportagens performáticas eram, no final do século XIX, uma das únicas maneiras de conseguir emplacar seus textos nas capas internas (os jornais ainda não tinham editorias, mas havia uma separação por cadernos).

> Embora os repórteres do sexo masculino utilizassem ocasionalmente o *stunt* [...], eles não eram definidos por esses *stunts* da maneira como as repórteres do sexo feminino o eram.

---

[14] Texto original: "*Local women's press clubs were organized, and in 1885 a Women's International Press Association, with Mrs. E. I. Nicholson, of the New Orleans Picayune, as president, was launched*" (MOTT, 1959, p. 490).

[15] O termo "jornalismo performático" é a tradução adotada aqui para "*stunt reporting*". Uma das características desse tipo de reportagem era o uso de identidade falsa para obter informações.

[16] Texto original: "[...] *it was both the advent of stunt girls and the large separate women's sections that created the first real place for women as regular members of the newspaper staff and important part of the editorial mix*" (Kroeger, 1994, p. 127).

[17] Texto original: "*The work was often strong enough [...] to be lifted out of the feature sections and onto the front pages, providing women with their first collective opportunity to show editors they could perform with the brains, dedication, and selfless abandon of the most able men. Stunt girls [...] formed the human chute down which the next generation of women reporters plunged into journalism's mainstream. There would be issues and discrimination for years to come, but at least the way in had finally been opened*" (Ibidem).

> Para os homens, o jornalismo participativo era uma escolha; para as mulheres, era um dos poucos caminhos para sair das páginas de mulheres[18] (LUTES, 2006, p. 2).

O historiador Frank Luther Mott explica que uma das características do *stunt* se refere ao método utilizado para obter as informações. "Um escritor inteligente e aventureiro assume um disfarce ou forja documentos para conseguir entrar em um hospital, prisão ou manicômio e depois faz da narrativa de suas experiências uma denúncia da administração da instituição"[19] (Mott, 1959, p. 442). Jean Marie Lutes argumenta que ao usar a técnica do disfarce, o próprio corpo das repórteres se tornava o canal para que elas conseguissem transmitir as notícias.

> Como um híbrido de "*soft news*" emocionante e "*hard news*" forte, o *stunt reporting* possibilitou às jornalistas mulheres uma maneira de lucrar com a atenção tão frequentemente focada em seus corpos. Atuando, na prática, como as heroínas sensacionais de suas próprias matérias, elas redefiniram a reportagem e usaram seus corpos não apenas como um meio de adquirir a notícia, mas como a própria fonte dela[20] (LUTES, 2006, p. 14).

Além disso, Jean Marie Lutes argumenta que o trabalho das mulheres nos jornais, no final do século XIX, foi menosprezado porque ia de encontro ao ideal de objetividade que foi se tornando mais claro no início do século XX. "Com a profissionalização do jornalismo veio um novo compromisso com a objetividade que privilegiava um estilo imparcial de reportagem, o qual estava em desacordo com o *modus operandi* dos jornais sensacionalistas, mais propensos a contratar repórteres do sexo feminino"[21] (Lutes, 2006, p. 4).

Por mais questionáveis que tenham sido os métodos dessas repórteres que desenvolveram o jornalismo performático nos Estados Unidos no final do século XIX e ainda que seu trabalho se chocasse com o ideal da objetividade, elas representam um capítulo importante na história da imprensa estadunidense – que é referência para muitos países, entre os quais o Brasil.

---

[18] Texto original: "*Although newsmen occasionally staged stunts […] they were not defined by those stunts in the way newspaperwomen were. For men, participatory journalism was a choice; for women, it was one of the few ways to break out of the women's pages*" (LUTES, 2006, p. 2).

[19] Texto original: "*One type of reporting may be cited to illustrate the methods and the mood of this journalism: a clever and adventurous writer assumes a disguise or forges documents to gain admission to a hospital, jail, or asylum, and then makes the narrative of his experiences an exposé of the administration of the institution. Young reporters – men and girls – performed such 'stunts' on scores of papers during this period*" (MOTT, 1959, p. 442).

[20] Texto original: "*As a hybrid emotional "soft news" and tough-minded "hard news," stunt reporting gave women journalists a way to profit from the attention so frequently focused on their bodies. Acting, in effect, as the sensation heroines of their own stories, they redefined reporting and used their bodies not just as a means of acquiring the news but as the very source of it*" (LUTES, 2006, p. 14).

[21] Texto original: "*With the professionalization of journalism came a new commitment to objectivity that privileged a detached reporting style which was out of sync with the modus operandi of the sensational journals most likely to hire female reporters*" (Idem, p. 4).

A jornalista Nellie Bly, pseudônimo adotado por Elizabeth Jane Cochran (1864-1922), trabalhou no *New York World*, de Joseph Pulitzer, e é uma das mais conhecidas do período. Ela fez parte do quadro de funcionários de Pulitzer exatamente durante o período de auge do jornal, entre 1887 e 1896, com um hiato entre 1890 e 1893.

Nascida no Estado da Pensilvânia em 1864, Bly iniciou sua carreira no *Pittsburgh Dispatch*, de Pittsburgh (Pensilvânia), em 1885. Suas primeiras reportagens publicadas no *World* eram sobre os dez dias que passou se fingindo de louca em um manicômio da Ilha de Blackwell (atual Ilha Roosevelt, em Nova Iorque) para descobrir como era o tratamento aos pacientes naquele local. E a reportagem *stunt* passou a ser sua marca.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième Sexe* – les faits et les mythes. Paris: Éditions Gallimard, 1949.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

JUERGENS, George. *Joseph Pulitzer and the New York World*. Princeton (New Jersey): Princeton University Press, 1966.

KROEGER, Brooke. *Nellie Bly:* daredevil, reporter, feminist. New York: Times Books, 1994.

KROLOKKE, Charlotte; SORENSEN, Ann Scott. *Gender Communication Theories and Analyses* – From silence to performance. Thousand Oaks (California): Sage Publications, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher*: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LUTES, Jean Marie. *Front-page girls*: women journalists in American culture and fiction, 1880-1930. Ithaca & London: Cornell University Press, 2006.

MOTT, Frank Luther. *American journalism* – A history of newspapers in the United States through 260 years: 1690 to 1950. New York: The Macmillan Company, 1959.

NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *Breve história dos Estados Unidos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCHUDSON, Michael. *Descobrindo a notícia*: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT; Michelle (org.). *História das mulheres no ocidente* – vol. 4: o século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

STEPHENS, Mitchell. *A history of news*. New York: Oxford University Press, 2007.

ULRICH, Laurel Thatcher. *Well-behaved women seldom make history*. New York: Alfred A. Knopf, 2007.

WHITT, Jan. *Women in American journalism*: a new history. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2008.

A woman's place is in the newsroom

Stunt reporting and women reporters' rise to prominence

Astract: The late nineteenth century was a period of intense changes, mainly in the most developed western countries. In a context of advance in industrialization and scientific progress, women became more numerous in the labor market. Based on a literature review that deals with this issue and adopting the *Nouvelle Histoire*'s methodological approaches, this study seeks to portray the entry of women into the labor market in the late nineteenth century, focusing on newsrooms in the United States.
Although the percentage of women journalists has more than doubled between 1880 and 1900 in USA, they only managed to have articles published in the front pages through "stunt reporting". One of the most famous newspaperwomen to stage stunts was Nellie Bly, a reporter who worked for Joseph Pulitzer's *New York World* from 1887 to 1896, with a hiatus between 1890 and 1893. This paper is part of a master's degree study on Nellie Bly.
Keywords: Journalism history. *New York World*. Nellie Bly